

Antônio Henrique Silva Santos

*“Dentro de nós há uma coisa que não tem nome, essa coisa é o que somos”
(José Saramago em “Ensaio sobre a cegueira.”)*

A influência do conceito de interioridade na psicanálise.

Resumo: O objetivo do artigo é demonstrar a relação que há entre a noção de interioridade, criada por Santo Agostinho, e a Psicanálise. A interioridade foi criada a partir da teoria da iluminação de Agostinho. Nela, ele demonstra que Deus reside dentro do homem, e é a própria/única verdade e luz que pode iluminar o interior obscuro de cada homem. Portanto, a ação de cada homem seria buscar a verdade/Deus realizando uma escavação dentro de si para encontrá-la. Com essa teoria, Agostinho foi o primeiro a criar um modelo de auto-exploração no voltar-se para dentro de si e assim surge a noção de interioridade. Com a pesquisa percebemos que a noção de interioridade influenciará a sociedade moderna e dará bases para o surgimento da psicanálise. Com a psicanálise vemos o homem como sujeito de desejo e para conhecer a sua verdade, o homem deve reconhecer o seu desejo que se encontra dentro de si. E isso só seria possível com uma análise de si. A descoberta do inconsciente por Freud é um dos ápices da influência da noção de interioridade na sociedade moderna. Depois de Agostinho, todo o desenvolvimento da sociedade tende a colocar o homem em ascensão procurando conhecer a si próprio. Se para Agostinho era necessário permitir a emergência de Deus, que estava no interior do homem, para que pudesse encontrar a verdade, na psicanálise será permitindo a emergência do sujeito do inconsciente, sujeito dividido, sujeito de desejo. Sobre a interioridade será exercida uma produção de conhecimento onde a psicanálise irá fazer de seu habitat de estudos. A subjetividade do homem moderno será criada sobre as bases da noção de interioridade, que será onde a psicanálise edificará sua noção de homem.

Palavras-Chave: Interioridade, Psicanálise, Sexualidade, Verdade, Foucault

A noção de interioridade foi o grande combustível para a subjetivação do homem moderno. A partir dessa noção o indivíduo se diferencia do outro, se pune, julga e é julgado, se identifica, se descobre, se liberta, sustenta o suposto saber de um setting analítico, entre muitas outras coisas. O homem moderno busca sua verdade, sustentado e ancorado na noção de interioridade. Mas o que é essa interioridade que conseguiu abrir caminhos para a criação da subjetividade da sociedade moderna? Em que situação sócio-histórica surgiu essa noção de interioridade que fez aflorar uma incessante busca da verdade de si, junto com a psicanálise na sua prática que pressupõe uma interioridade? Vejamos.

Santo Agostinho é considerado o “pai da interioridade”. Ele foi um monge que viveu do ano 354 ao 430, nasceu em Tgaste na Numídia - província romana ao norte da África - e se tornou bispo de Hipona depois de receber uma revelação divina e se converter ao catolicismo aos 32 anos. Em uma de suas obras, - As Confissões - Agostinho se dedica a escrever sobre parte de sua vida, onde declara que passou dos 16 aos 32 anos na vida mundana de prazeres da carne, e, ainda na obra, demonstra como fazer para se conhecer a Deus. Nesse *savoir-faire* para se conhecer a Deus, Agostinho

cria uma teoria chamada teoria da iluminação. Nessa teoria ele demonstra que Deus está no homem e o homem está em Deus e encara Deus como a própria/única verdade e luz que habita em cada um dos homens. Portanto, todo homem, feito à imagem e semelhança de Deus, deve buscar a verdade no seu interior. Sendo Deus a própria verdade que já reside dentro de cada natureza humana, resta a ação de qualquer homem que é buscar a verdade realizando uma escavação dentro de si para encontrá-la. Para Agostinho, na relação do homem com Deus encontra-se o interior - lugar que se encontra o caminho que leva a Deus. Deus é a fonte de luz que ilumina o interior obscuro que habita em cada homem, e para enxergar a Deus é preciso enxergar a si.

Uma parte de sua obra “As Confissões” relata bem isso:

“No que diz respeito a todas as coisas que compreendemos, não consultamos a voz de quem fala, a qual soa por fora, mas a verdade que dentro de nós reside à própria mente, incitados talvez pelas palavras a consultá-la. Quem é consultado ensina verdadeiramente e este é Cristo, que habita, como foi dito, no homem interior. Quando, pois, se trata das coisas que percebemos pela mente, isto é, através do intelecto e da razão, estamos falando ainda em coisas que vemos como presentes naquela luz interior de verdade, pela qual é iluminado e fruí o homem interior; mas também neste caso quem nos ouve, conhece o que eu digo por sua própria contemplação e não através de minhas palavras, desde que ele também veja por si a mesma coisa com olhos interiores e simples” (AGOSTINHO, 2003)

A consulta que fazemos a Cristo leva à descoberta de algo que vive obscuro, e somente com a luz de Deus clareando essa obscuridade do homem interior, poderemos enxergar a verdade. Não se deve buscar a verdade no exterior, mas sim no interior que é onde ela realmente se encontra:

“Não vá para fora, volte para dentro de si mesmo. No homem interior mora a verdade” (AGOSTINHO, 1987)

Esse não olhar para fora e sim para dentro, faz toda a diferença na filosofia agostiniana, pois é exatamente onde começa a idéia de oposição dentro-fora. Se penso em algo e não exponho pra fora, esse algo fica apenas para mim, dentro de mim. A verdade vai sendo internalizada cada vez mais e futuramente ficará mais complexo e

mais caro o caminho de encontro à verdade com o uso de algumas técnicas psicológicas de introspecção criadas na modernidade.

Embora alguns de seus precursores, como Platão e Sócrates, tenham influenciado-o bastante, Agostinho foi o primeiro a criar um modelo de auto-exploração no voltar-se para dentro de si. A filosofia de Agostinho, assim como a de Platão, tinha idéias inatistas, e para Agostinho, o conhecimento não pode ser adquirido apenas pelo sensorial, mas há algo prévio na própria natureza humana que permite a aprendizagem. Esse algo prévio para Agostinho é Deus. A introspecção característica da filosofia de Sócrates – “conhece-te a ti mesmo” - também ajudará a filosofia agostiniana no conhecimento da auto-exploração. Mas é com Agostinho que a interioridade se firma e influencia os demais, como Descartes com a interioridade imaterial da mente na sua famosa citação: “Penso, logo existo”. É Agostinho quem cria um modelo para conhecer a verdade de si - que é Deus - e isso será a base para a construção da sociedade moderna.

Descartes não foi o único a tomar o caminho agostiniano no começo da era moderna. Em certo sentido, aqueles dois séculos XVI e XVII, podem ser vistos como um imenso florescimento da espiritualidade agostiniana ao longo de todas as diferenças de crenças, que continuou em seu próprio caminho pelo iluminismo. (TAYLOR, 1997)

A diferenciação entre público e privado no século XVIII será uma das influências da filosofia agostiniana. O século XVII ficará conhecido como o século de Agostinho, pois aí a sociedade burguesa colocará em prática o pensamento filosófico de Agostinho.

Percebamos que a interioridade carrega a idéia da própria idéia, da mente, dos pensamentos, emoções, consciência, inconsciência e não-dizer, além de outros, todos internalizados. Um trabalho hermenêutico de si começa a partir da preocupação com o homem, seus segredos, pensamentos, idéias e desejos. Isso constituirá toda a sociedade moderna que só foi possível com o pontapé inicial de Agostinho iniciando a busca da verdade de si a partir da sua teoria da iluminação. E a partir da sua teoria, cria a técnica de escavação interior para poder encontrar sua verdade.

Vimos que com Agostinho a noção de interioridade nasce e se torna a condição *sine qua non* para a construção da subjetividade moderna. Observamos também que é Agostinho quem cria o primeiro modelo de auto-exploração para se chegar à verdade de

si e isso servirá de base para muitas práticas da sociedade moderna. A partir do século XVIII, as práticas agostinianas começam a tomar forma no cotidiano europeu, que será quando o *zeitgeist*, o contexto da época dará suporte.

É importante observar que com a criação da noção de interioridade de Agostinho, abre-se uma gaveta que no início ainda estará vazia, e essa gaveta – interioridade - só vai começar a ser preenchida a partir do século XVI. A construção da verdade de si é concomitante à busca da verdade de si. Vejamos.

No século XIV a idéia do eu começa a se instaurar mais e a ganhar simbologia. A emergência do humanismo renascentista nas artes e na filosofia influencia bastante. O coração, por exemplo, passa a ser um símbolo de si e da própria interioridade:

“As paixões do coração que induzem aos crimes mais funestos, às ações mais heróicas, aos amores mais violentos e aos atos sexuais mais humanos ou desumanos.”
(CORBIN, 1991)

As emoções são enxergadas como uma parte do eu que precisa ser controlado pela razão, em função do equilíbrio. Cria-se até um *“processo de decifração do próprio comportamento, criando um vocabulário do seu interior, mantendo uma certa contabilidade dos atos passionais, onde se encontrava nos ricordi.”* (CORBIN, 1991). Observa-se aqui uma observação de si a partir da escrita para melhor entender-se para um maior controle. O interesse por si parece começar não apenas para a busca de um conhecimento, mas também para a busca de um controle.

Do século XVI ao XIX códigos começam a ser criados e inseridos na vida das pessoas. Esses códigos comportamentais são postos e internalizados assim como as condutas morais. Formas de estar na mesa, formas de estar em público, o *“tenha modos!”* passa a ser posto para dentro e cada um começa a procurar um modo de estar em cada lugar dentro de cada situação. Cria-se uma pedagogia das boas maneiras para um controle de si.

Com o início da chegada da noção de privado, há uma mudança de todo o ambiente, na arquitetura, música, nas artes em geral. O gabinete da casa, onde as leituras, preces e contabilidades passam a ser praticada, revela uma das invenções dessa época dos espaços privados. Lugar onde também, com um amigo íntimo, o dono da casa se refugia para falar confidencialmente. É o lugar onde o indivíduo passa a ficar consigo mesmo, fazendo suas leituras, estudos, reflexões, demonstrando a expressão do

indivíduo criador e intelectual. Toda uma estrutura começa a ser formada para a busca da verdade de si e a leitura foi uma das práticas que mais ajudaram nessa busca, nessa vontade de buscar a verdade de si. Foi uma das práticas que mais sofreram modificações e onde criou-se mais simbolizações em cima dela, entre os séculos XVI e XVIII. A leitura deixou de ser para ouvintes e passou a ser valorizada na intimidade, na individualidade de cada um, uma leitura para si, onde o íntimo poderia ser mais bem tocado. E para isso algumas habilidades foram surgindo, como ler de boca fechada, em silêncio, onde facilitava uma leitura mais rápida e mais fácil dando lugar a reflexões sobre si. A leitura individual também gera uma nova produção de intelectualidade e os livros passam a fazer parte das casas nos espaços destinados a uma pequena biblioteca. Nas viagens levam-se livros como passatempo. A leitura, se identificando como gesto de intimidade, começa a dar espaço à intimidade, que começa a surgir juntamente com o privado e a construção da subjetividade dos indivíduos. Móveis de leitura são criados, como a bergère, uma poltrona de leitura. A leitura passa a ser uma das práticas “*constitutivas da intimidade individual, remetendo o leitor a si mesmo, a seus pensamentos ou a suas emoções, na solidão e no recolhimento.*” (CORBIN, 1991).

Começa a surgir também uma literatura confessional de autores como Montaigne e Rousseau e no século XIX com o autor anônimo de *My Secret Life*. Na psicanálise e na sociedade moderna, o falar de si traz uma idéia de libertação no sentido de tornar público a si próprio o que é privado de si. O processo de escrita também vai se modificando. Se antes os tipos de escrita se resumiam em memórias, diários e *livres de raison*, posteriormente, a autobiografia, a escrita de si, começarão a predominar os tipos de escrita e leitura. Memórias “*são o produto da escritura individual de personalidades públicas sobre a repercussão de seus atos, o brilho da própria glória, ou sobre homens ou fatos dos quais foram testemunhas privilegiadas*” (CORBIN, 1991) O *livre de raison*, o diário, era “em geral, um livro de contas; e mesmo quando são mais desenvolvidos, mais elaborados e mais ricos de informações, ainda assim articulam-se e elaboram-se em torno da contabilidade” (CORBIN, 1991). Essas escritas não falavam de si, do interior de cada um, e sim mais de acontecimentos de pessoas públicas ou do cotidiano. É com a necessidade de se escrever diários que o escrever de si se instaura. Ao mesmo tempo que se lê as intimidades dos outros na sua própria intimidade, com a produção literária da intimidade, no espaço privado do quarto ou gabinete, também dedicam-se tempo a escrever diários. Os diários passam a ser cada vez mais íntimos, chegando a ser diários de confissão assim como a literatura corrente. As formas

subjetivas de textos instrospectivos foram abrindo caminhos para o desejo da confissão de si. O público e privado começa a ser bem mais delimitado e diferenciado, a família burguesa começa a ser acolhedora e o privado começa a excluir o público. O século XVIII e XIX foi uma explosão de diários, cartas e romances onde cada um falava do seu íntimo e lia o do outro à procura do conhecimento do homem. Uma forma sutil de confessionário começa a entrar na vida do homem moderno. O homem começa a ser o “observador desinteressado” dele mesmo.

Se antes o confessionário servia apenas como obrigação aos católicos, pelo menos uma vez ao ano, na identidade moderna o se confessar se torna uma prática “institucionalizada” onde todos irão querer se confessar com objetivo de encontrar a verdade de si. Foucault demonstra muito bem isso no seu livro História da Sexualidade. Nessa obra, ele tenta demonstrar para o leitor que a hipótese repressiva é uma hipótese falha. A hipótese repressiva diz que a partir do final do século XVII o sexo foi posto em silêncio, mudo, bloqueado, interdito, reduzido ao quarto dos pais e a partir de então se começou uma miséria sexual, tanto dos discursos como da prática, e que como surgiu junto com o desenvolvimento do capitalismo, essa teria sido uma forma econômica da sociedade burguesa centrar o trabalhador na produção. Foucault até concorda que houve uma certa mudança no discurso sexual, mas não uma repressão e sim uma outra forma de expressão sexual.

“Em suma, gostaria de desvincular a análise dos privilégios que se atribuem normalmente à economia da escassez e aos princípios de rarefação, para, ao contrário, buscar as instâncias de produção discursiva (que, evidentemente, também organizam silêncios), de produção de poder (que, algumas vezes têm a função de interditar), das produções de saber (as quais, freqüentemente, fazem circular erros ou desconhecimentos sistemáticos); gostaria de fazer a história dessas instâncias e suas transformações.” (FOUCAULT, 1977)

O sexo de lá para cá, pelo contrário, nunca foi posto tanto em discurso numa sociedade como na nossa. O sexo foi posto e valorizado como segredo e a partir de então a expressão da sexualidade se tornou cada vez maior. Criou-se uma vontade de saber tão grande sobre o sexo da mesma forma que veio a vontade de saber sobre o homem, dos seus desejos, das suas vontades, das suas lembranças... Igualou-se a verdade de si ao sexo. Foucault mostra que a principal transformação que começou a

situar o sexo ao lado da verdade de si, foi a partir do Concílio de Trento no século XVI. Nesse concílio, a igreja católica dita novas formas de se confessar onde a confissão deixa de ser apenas o ato sexual em si e passa a ser também a confissão da inquietação do desejo. Se antes a confissão se limitava às posições sexuais, movimento e atitudes, agora a confissão abrangia seu território para os pensamentos e desejos do confessor. O desejo começa a ser colocado em discurso. Sua interioridade começa a ser exteriorizada para que o desejo do confessor possa ser modificado. Essa técnica será utilizada por outros mecanismos mas tarde, como forma de extrair a verdade de si. O dispositivo faz o pareamento entre sexo e verdade igualando os dois. Por dispositivo entende-se:

um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre estes elementos. (FOUCAULT, 1982)

O dispositivo da sexualidade seria todo esse movimento exercido para a produção de uma sexualidade. Se para Foucault a verdade seria “*um conjunto de procedimentos regulados para a produção, a lei, a repartição, a circulação e o funcionamento dos enunciados e está circularmente ligada a sistemas de poder, que a produzem e apóiam, e a efeitos de poder que ela induz e que a reproduzem*” (FOUCAULT, 1982), e a sexualidade foi interiorizada como sua verdade, então também foi produzida. Nota-se que a noção de interioridade é a base para todas essas construções.

O dispositivo teria criado técnicas para que, a partir das relações feitas entre verdade, sexo e interioridade, incentive o falar do seu sexo. Então sendo o sexo a verdade, criaram-se técnicas, como a confissão, para poder buscar a verdade do sujeito. Práticas médicas, jurídicas, pedagógicas incorporaram esse pareamento entre o sexo e a verdade e tentaram entender o homem a partir do sexo. A medicina tentou classificar o homem segundo as suas perversões especificando assim os indivíduos. A pedagogia “abriu os olhos” dos pais, professores, parentes, diante da sexualidade das crianças. A justiça se conecta com a medicina e pedagogia pra tentar explicar os casos mais assombrosos. Todo esse conhecimento a partir do sexo, que foi igualado à verdade no

interior do sujeito, só foi possível com a noção de interioridade. Essa é a grande relação que quero fazer neste artigo, a relação de toda a construção da sociedade moderna, sendo a psicanálise parte dessa construção, com a noção de interioridade de Santo Agostinho.

Todo o saber acumulado do sexo, a partir principalmente das confissões da Idade Média que passou de ser uma confissão que prezava mais o falar do “ato sexual em sua própria confissão” e passa a fazer falar dos pensamentos, desejos, tirando a grande importância do ato em si para a importância dos desejos sexuais, fez criar uma ciência do sexo: *Scientia Sexualis*. Livros científicos são publicados explicando o homem a partir do sexo com todas as suas classificações, ramificações, estigmatizações, que ao mesmo tempo fazem falar de si para que com a ajuda da ciência, o sujeito descubra sua verdade, seu sexo. A sexualidade começa a ser explicada como um domínio penetrável para processos psicológicos, doenças psicológicas esquematizadas a partir do sexo do sujeito. A partir de todos esses discursos, instituições, organizações arquitetônicas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, a introspecção se torna ainda maior. A leitura, escrita, fala, começam a se referir mais ainda a si. No século XIX, no livro *My Secret Life*, escrito por um anônimo, o autor fala coisas da vida sexual, seus feitos, especificando cada momento, cada pensamento sexual e tudo isso com um ar de liberdade e transgressão. Foucault irá dizer que isso seria mais uma artimanha do dispositivo para cada um falar de si. Uma falsa liberdade. Acreditar na hipótese repressiva seria também uma artimanha do dispositivo, pois os obstáculos dariam valor à verdade e assim criaria a falsa noção de liberdade. Cria-se relações entre verdade, liberdade e saber (que gera um poder-saber-si-mesmo), onde o falar de si leva a uma liberdade. E falar de si é falar do seu sexo.

Para Foucault, a busca da verdade de si que já tinha começado havia um tempo, entra em ascensão com o pareamento do sexo e verdade, onde a verdade do sujeito está no próprio sexo e essa busca inclui uma autópsia, um suposto existir do saber não-dito que será comprovado pelos obstáculos e resistências que precisarão ser dissolvidos para poder ser liberado.

Todo o caminho que leva à verdade de si, começando pela vontade, passando pelas técnicas, saberes, discursos, descobrimento da verdade de si e a própria verdade de si, foi criado sócio-historicamente. Podemos notar que tanto a teoria da iluminação de santo Agostinho e a teoria psicanalítica de Freud pressupõe que o sujeito não é tão dono de suas ações, que existe “algo” que o leva a se comportar, agir de tal maneira. Para a

teoria da iluminação de Santo Agostinho esse “algo” seria Deus, para a teoria psicanalítica de Freud, seria o inconsciente. Nesse fervilhão de ditos e conhecimentos criados acerca da interioridade, nesse *zeitgeist* a psicanálise surge. A noção de interioridade influenciará a sociedade moderna e dará bases para o surgimento da psicanálise. Com a psicanálise vemos o homem como sujeito de desejo e para conhecer a sua verdade, o homem deve reconhecer o seu desejo que se encontra dentro de si. E isso só seria possível com uma análise de si. A descoberta do inconsciente por Freud é um dos ápices da influência da noção de interioridade na sociedade moderna. Depois de Agostinho, todo o desenvolvimento da sociedade tende a colocar o homem em ascensão procurando conhecer a si próprio. Se para Agostinho era necessário permitir a emergência de Deus, que estava no interior do homem, para que pudesse encontrar a verdade, na psicanálise será permitindo a emergência do sujeito do inconsciente, sujeito dividido, sujeito do desejo. Sobre a interioridade será exercida uma produção de conhecimento onde a psicanálise irá fazer de seu habitat de estudos. A subjetividade do homem moderno será criada sobre as bases da noção de interioridade, que será onde a psicanálise edificará sua noção de homem. Se formos falar do discurso Freudiano a partir da teoria dos discursos de Lacan, podemos colocar da seguinte forma:

Freud	Homem
Interioridade	Psicanálise

Freud, como o *agente* do discurso, sobre a base de uma *verdade* (a interioridade), age no *outro* (Homem) e a partir disso funda, tem como *produção*, a Psicanálise.

O que este trabalho pretende ressaltar é a relação que existiu entre o “pai da interioridade” e o “pai da psicanálise”. Freud, como pensador da cultura, fundou a psicanálise graças não só à noção de interioridade, mas também a todo o desenvolvimento que houve, todo o conhecimento que foi produzido e criado a partir dessa interioridade que foi preenchida concomitantemente com a busca da verdade de si.

Quando a psicanálise surge, vem quebrar o racionalismo do sujeito consciente produto de Descartes e traz à tona o sujeito do inconsciente. O sujeito do desejo. Há todo um sustento da sociedade no desenvolvimento da psicanálise, na auto-exploração de si, na busca de seu desejo que assim como em Agostinho a verdade estava dentro de si, na psicanálise a sua verdade, na ética do bem-dizer, o seu desejo só é possível achar

dentro de si. Então, já havia todo um desenvolvimento que trazia sustentação à essa nova teoria do sujeito. Hoje parece haver uma compulsão do falar de si, um psicanalismo, nos meios tecnológicos pela internet, em blogs onde internautas falam de si para outros desconhecidos. Há uma explosão da exposição do privado no público.

A psicanálise influencia grandemente a sociedade de hoje e podemos dizer o homem antes da invenção de Freud – onde ele sabia tudo de si, o homem da razão – e o homem depois da invenção freudiana onde o sujeito passa a ser um desconhecido para si próprio, onde não é senhor na sua própria casa.

A busca da verdade de si é na verdade a busca de uma verdade construída pelo próprio homem. A busca da verdade de si só foi consolidada, solidificada mais tarde, muito depois de Agostinho, porque mesmo Agostinho criando a noção de interioridade ela ainda estava vazia. Ela começou a ser "preenchida", construída, juntamente com os códigos de conduta que começam a serem internalizados, com o contexto da sociedade burguesa no aumento da privacidade, os tipos de leitura e escrita de si criando-se assim uma identidade. O cristianismo inventou a interioridade e a modernidade inventou a subjetividade. Essa criação da identidade, construção da subjetividade moderna, nada mais é do que o preenchimento da interioridade do indivíduo, que mesmo antes já existindo, ainda estava vazia. Aí então se começa a busca da verdade de si. Mas é claro, não se pode buscar algo no vazio, mas apenas em algum lugar que já existe e no caso, só quando a interioridade começou a ter um “preenchimento”, é construída, foi possível a busca da verdade de si. Construção essa que não acaba nunca, está sempre em construção. Sobre a interioridade será exercida uma produção de conhecimento onde a psicanálise irá fazer de seu habitat de estudos. A subjetividade do homem moderno será criada sobre as bases da noção de interioridade, que será onde a psicanálise edificará sua noção de homem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGOSTINHO, Santo. *A verdadeira Religião*. (Trad. Nair de Assis Oliveira). São Paulo: Edições Paulinas, 1987.

AGOSTINHO, Santo. *Confissões*. (Trad. J. de Oliveira Santos/ Ambrósio de Pina). Coleção Pensamento Humano. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2003.

CORBIN, A. Bastidores. In Perrot, M., *História da Vida Privada*, vol. 4, São Paulo: Ed. Schwarcz, 1991, p. 413-417.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Org. Roberto Machado, Rio de Janeiro: Edições Graal, 1982.

FOUCAULT, Michel .1976: *História da Sexualidade – A Vontade de Saber*, Vol. I, RJ: Graal, 1977

FREUD, Sigmund (1930). *O mal-estar na civilização*. In: _____. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, [s.d.]. Vol. II.

GAY, P. *FREUD: uma vida para nosso tempo*. São Paulo: Companhia das Letras. 1989.

LACAN (1956). *A situação da psicanálise e formação do psicanalista em 1956*. In: _____. Escritos. São Paulo: Perspectiva, 1988.

MEZAN, Renato. *Freud, pensador da cultura*. São Paulo, Brasiliense. 1990

SANTO AGOSTINHO. *Confissões*. São Paulo: Abril Cultural, (Coleção Os Pensadores), 1973

TAYLOR, Charles .*As fontes do self: a construção da identidade moderna*. São Paulo: Loyola. 1997